

**UMA POTENCIALIDADE ESQUECIDA, UMA PRECOCIDADE  
LATENTE, UM PÚBLICO A SER RECONHECIDO:  
DIALOGANDO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

**A FORGOTTEN POTENTIALITY, A HIDDEN PRECOCIALITY  
AND A PUBLIC TO BE RECOGNIZED: TALKING ABOUT  
TEACHER TRAINING TO THE BASIC EDUCATION**

**UNA POTENCIALIDAD OLVIDADA, UNA PRECOCIDADE  
LATENTE Y UN PÚBLICO POR RECONOCER: DIALOGANDO  
SOBRE FORMACIÓN DOCENTE PARA LA EDUCACIÓN BÁSICA**

**Marcia Raika e Silva Lima<sup>1</sup>**

**Resumo**

Esse relato de pesquisa discute o tema da educação especial e inclusiva, especificamente a altas habilidades/superdotação-AH/SD, diante da escassez de estudos com esse grupo no que tange aos investimentos educacionais que potencializem suas habilidades superiores. A questão geradora que alicerçou o estudo foi: O que se deve saber sobre a alfabetização de alunos público da educação especial incluídos na escola regular? Tem como objetivo geral: analisar as contribuições resultantes de uma formação de professores para a educação inclusiva de alunos com AH/SD. Dialogou-se com Lima (2010, 2016), Rangni e Costa (2016), Delou (2001), Soares (2003) que embasaram teoricamente o estudo. A metodologia desenvolveu-se mediada pela pesquisa descritiva reflexiva. Os resultados evidenciaram a capacidade de argumentação e de criticidade dos professores em formação na análise do cenário atual da educação inclusiva. Conclui-se que, esse estudo contribuirá como apoio que suplementará teoricamente a área da educação especial e inclusiva e que, os exemplos práticos nortearão a atividade docente para a educação inclusiva, sobretudo com alunos precoces.

**Palavras-chave:** Educação especial e inclusiva; Alunos com altas habilidades/superdotação; Alunos precoces.

**Abstract**

This research report discusses the theme of special and inclusive education, specifically of high skills/giftedness - AH/SD, due to the scarcity of studies with this group about education investments that enhance their superior skills. The generating question that supported this study is: what should you know about the literacy of public students from special education included in the regular school? Its general goal is: to analyse the contribution of a teacher training to the inclusive education of students with AS/SD. It is dialogued with Lima (2010, 2016), Rangni and Costa (2016), Delou (2001) and Soares (2003) that supported this study. The methodology used was the descriptive reflective research. The results showed the argumentation and creation capacity of teachers in training in the analysis of the actual scenario of the

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva em rede (PROFEI) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3396-3236>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4189856431934940>. E-mail: [marciaraika@hotmail.com](mailto:marciaraika@hotmail.com)

inclusive education. It is concluded that this research will contribute as support that will technically supply the special education and inclusive education area and that the examples will guide the instructor activity to the inclusive education, especially with precocious students.

**Keywords:** Special and inclusive education; Students with high skill/giftedness; Precocious Student

### Resumen

Este informe de investigación aborda el tema de la educación especial e inclusiva, específicamente de altas habilidades/superdotación-AH/SD, dada la escasez de estudios con este grupo sobre inversiones educativas que potencien sus habilidades superiores. La cuestión generadora que sustentó el estudio fue: ¿Qué se debe saber sobre la alfabetización de estudiantes de educación especial incluidos en las escuelas regulares? Tiene como objetivo general analizar las contribuciones de la formación docente para la educación inclusiva de los alumnos con HA/DS. Se dialogó con Lima (2010, 2016), Rangni y Costa (2016), Delou (2001), Soares (2003) que sustentaron teóricamente el estudio. La metodología se desarrolló mediada por la investigación descriptiva reflexiva. Los resultados mostraron la capacidad de argumentación y crítica de los docentes en formación en el análisis del escenario actual de la educación inclusiva. Se concluye que este estudio contribuirá como un apoyo que complementará teóricamente el área de educación especial e inclusiva y que, los ejemplos prácticos orientarán la actividad docente para la educación inclusiva, especialmente con alumnos precoces.

**Palabras clave:** Educación especial e inclusiva; Estudiantes con altas habilidades/superdotación; Estudiante precoz.

### Introdução

Na história da humanidade evidenciam-se feitos brilhantes para a promoção e desenvolvimento social, fato que se consolida como necessidade por melhores condições de sobrevivência, sobressaindo-se como característica peculiar da categoria humana. No entanto, apesar, das transformações e inovações sociais perceptíveis hodiernamente, nem todas as pessoas têm oportunidade de contribuir para a construção social e de usufruir das benfeitorias que as circundam, o que as deixam à margem da sociedade. Esse é o retrato da realidade atual.

As transformações realizadas no âmbito social e que marcam o desenvolvimento de uma nação, geralmente foram/são desenvolvidas por pessoas que demonstram elevado potencial para a realização da atividade que estão planejando ou executando. Na sua maioria, elas não são reconhecidas pelo seu elevado potencial criador, passando despercebidas e subjugadas como meros executores daquilo que lhes fora dado como tarefa.

Evoca-se essa reflexão acerca da sociedade, de característica capitalista, que imputa para uma sociedade de desiguais, para se relacionar e referendar com o pensamento de Rangni (2016), a fim de destacar a relevância de discussões em torno de

um grupo especial de pessoas que tem sido esquecidas social e educacionalmente: aquelas com altas habilidades/superdotação (AH/SD):

É importante salientar que os recursos que não são apenas os naturais, como o mineral, o florestal, a fauna, entre outros, mas devem-se valorizar, também, os recursos humanos. Diante desse desenho, pode-se inferir que as ‘cabeças pensantes’ são recursos essenciais que podem contribuir significativamente para a superação de desafios que possam surgir. Assim, a partir desse ponto de vista, as pessoas com altas habilidades são personagens fundamentais desse cenário (Rangni, 2012, p. 13).

Essas pessoas estão entre nós, mas, ao mesmo tempo estão invisíveis entre nós. Ostenta-se que, se elas forem identificadas desde tenra idade e tiverem as suas habilidades superiores estimuladas serão capazes de feitos maravilhosos (Virgolim, 2007), de transformar o mundo, de pensarem, sentirem e agirem de modo a construírem uma sociedade mais justa, de mais oportunidades, pois esse grupo especial de pessoas têm uma característica específica que corrobora com todas as qualidades que até aqui lhes foram referendadas, que é a “preocupação com questões éticas, morais, políticas ou ambientais” (Rangni & Costa, 2016, p. 170).

Parte-se, inicialmente, dialogando nesse relato de pesquisa com inferências acerca da sociedade perversa/capitalista e as pessoas com altas habilidades/superdotação para rememorar uma experiência ocorrida no ano de 2019, enquanto professora formadora do Plano Nacional de Formação de Professores de Educação Básica (PARFOR), pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), ministrando a disciplina Fundamentos da Educação Especial, no curso de Licenciatura em Pedagogia. Em colaboração com os alunos do curso, organizava-se uma atividade de ensino para culminância dos diferentes conteúdos apropriados e, neste processo, deparou-se com uma situação que já havia se debatido, ao longo da carga horária da disciplina, que consistia no descaso com um grupo especial de educandos: os alunos com altas habilidades/superdotação, que têm pouca visibilidade nas atenções e investimentos dados aos alunos público-alvo de educação especial (PAEE).

Mediados por esse conflito, surgido em sala de aula, nasce a escrita desse relato, tendo como ponto de partida o estudo de um livro elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), intitulado Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa, caderno de

educação especial: a alfabetização de crianças com deficiência-uma proposta inclusiva (MEC, 2012). Os meandros que entrelaçaram essa formação dos professores da educação básica, serão evidenciados e compreendidos na totalidade da leitura da pesquisa.

Nesta proposição, destaca-se a motivação pela qual instigou-se à escrita desse estudo, que teve como alicerce a necessidade de subsidiar o futuro professor para o processo de alfabetização de alunos PAEE incluídos na escola regular, preferencialmente os alunos com AH/SD. A problemática que embasou o estudo surgiu dos questionamentos dos professores em formação: O que se deve saber sobre a alfabetização de alunos público-alvo da educação especial incluídos na escola regular? E, para materialização do texto que subsidiasse ao encontro da resposta da problemática elaborou-se o objetivo: analisar as contribuições de uma formação de professores para a educação inclusiva de alunos com AH/SD.

Quanto à estrutura do texto, tem-se esta introdução que apresenta breve contextualização do estudo. A primeira seção, intitulada Notas teóricas sobre a altas habilidades/superdotação, com três subseções: necessidades formativas para identificar o aluno invisível que está visível em sala de aula: Dialogando sobre o aluno com AH/SD; o aluno com indicadores de altas habilidades/superdotação: a precocidade latente; e, letrar e alfabetizar o aluno precoce na educação infantil. Segue-se com a metodologia da pesquisa, com registros dos percursos realizados que conduziram à pesquisa e, com o desenvolvimento da atividade proposta nesse relato. Apresentam-se também os resultados que analisaram o contexto da formação de professores e as considerações finais.

### **Notas teóricas sobre as altas habilidades/superdotação**

A proposta da educação inclusiva emerge na sociedade pós-moderna, quando a luta dos movimentos sociais fortalece a garantia de todas as pessoas ao direito à educação em espaços educacionais, sem distinção. Esta perspectiva ganha defensores, a exemplo de educadores como Lima (2010, 2016), Rangni e Costa (2016), Delou (2001), Mantoan (2006), Rodrigues (2006), que a compreendem como uma educação que deve basear-se no ensino para a diversidade e que contemple as singularidades de cada aluno, reforçando a compreensão de que a diferença é inerente ao ser humano.

Ressaltando-se a relevância da educação inclusiva, analisa-se que a década de 1998, apresenta aproximadamente 337 mil alunos com deficiência na educação básica e em 2012 esse número mais que duplicou, totalizando 820 mil alunos matriculados na escola de ensino comum, conforme dados informados pelo Ministério da Educação (Brasil, 2012). Frente ao crescimento da escolarização dos alunos PAEE em espaços educacionais da rede regular de ensino, pode-se refletir que destas oitocentas e vinte mil matrículas, identifica-se, no mínimo 3 a 5% de estudantes no coeficiente de altas habilidades (Rangni & Costa, 2016).

Os alunos com AH/SD fazem parte da educação especial e necessitam de atendimentos e dos mesmos direitos dispensados aos demais alunos PAEE, isto é, de serem incluídos na escola regular em um turno e, no outro, receberem o atendimento educacional especializado, que potencialize suas áreas de interesse (Brasil, 2015). A identificação de alunos com indicadores de AH/SD deve ocorrer nas primeiras etapas de desenvolvimento da criança, por seus familiares e/ou professores.

### **Necessidades formativas para identificar o aluno invisível que está visível em sala de aula: Dialogando sobre o aluno com AH/SD**

Nas constantes transformações no contexto sociocultural da sociedade pós-moderna, os profissionais da educação são impulsionados na busca por formação de professores, com fins ao aperfeiçoamento da sua prática educativa, que os possibilitem acompanhar as inovações sociais (Imbernön, 2010). Entende-se que, um dos responsáveis pela identificação, acompanhamento, valorização e pleno desenvolvimento das habilidades e talentos de alunos com AH/SD é o professor, razão pela qual deve receber todo o apoio necessário para o exercício de sua profissão.

Outro ponto importante nessa reflexão é sobre a formação de professores onde, por meio desta, há possibilidades de conhecer teorias e práticas sobre a educação de alunos PAEE, no caso deste estudo com foco na AH/SD, que propiciem atividades inclusivas, bem como a autoavaliação e à reflexão na e sobre sua ação docente. No entanto, na falta dessa formação, acirra-se o discurso de que “o despreparo do professor é uma das principais barreiras que encontramos no processo de inclusão destes alunos,

uma vez que lhes são negadas oportunidades de aprofundar seu interesse por determinadas áreas, acadêmicas ou não” (Vieira, 2003, p. 9).

Ressalva-se que, para o trabalho com alunos com AH/SD, se faz necessário a identificação deles. E, para sua identificação deve-se atentar inicialmente, para as características que estes indivíduos demonstram e que são perceptíveis pelos pais, professores e por colegas. Dentre elas, Bates e Munday (2007, p. 19) destacam:

[...] habilidade precoce para falar, formando sentenças e mantendo conversa com os adultos; vocabulário amplo e excelente habilidade de leitura; arraigada curiosidade e atitude questionadora; habilidade de manter a concentração, particularmente quando o assunto é de seu real interesse; demonstração de preferência por pensamentos complexos; habilidade de trabalhar com pensamento abstrato, demonstrando uso frequente de habilidades superiores de raciocínio; demonstração de preferência pela socialização com alunos mais velhos ou com adultos.

Essas características anunciadas pelas autoras (2007) facilitam a identificação do aluno com indicadores de AH/SD nas escolas e nos diferentes ambientes que frequentem. Para assim, compreendê-los, motivá-los e intensificar atividades que potencializem suas habilidades superiores.

Bates e Munday (2007, p. 20), defendem que não se pode esquecer que, “apesar de ser muito inteligente, o aluno é, antes de qualquer coisa, uma criança e que requer tempo e oportunidades necessárias para o seu desenvolvimento”, devendo ser respeitadas suas limitações e singularidades.

### **O aluno com indicadores de altas habilidades/superdotação: a precocidade latente**

Nos últimos anos, tem-se encontrado referências, que tratam da educação inclusiva como uma necessidade para se atingir mudanças significativas no atendimento a todas as crianças, sem discriminação ou exclusão. Com esta compreensão, para os alunos com AH/SD, as instituições especializadas devem estar implementadas com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento de suas habilidades superiores e talentos mediante o trabalho com atividades suplementares. Estas, ainda não se fazem presentes nas práticas educativas dos professores de escola regular.

Consubstancia-se os estudos de Renzulli (2004) para entender que os comportamentos característicos da superdotação, evidenciam-se em duas amplas categorias de habilidades superiores, nas quais o aluno com AH/SD enquadra-se: a superdotação acadêmica, que engloba os alunos que se destacam nas atividades escolares e, a superdotação criativo-produtiva, que leva em conta o desenvolvimento e a produção de materiais e produtos originais e criativos. No texto em tela enfatiza-se o aluno do tipo acadêmico.

Esses alunos com seus anseios e interesses atendidos, têm a oportunidade de praticar suas habilidades superiores nas áreas acadêmicas, para que seus talentos não sejam esquecidos, tolhidos, desperdiçados ou mesmo desenvolvidos para a realização de condutas indesejáveis, que venham a prejudicar a si próprios e à sociedade. Mas, apesar do reconhecimento legal no sentido de garantir esses direitos, Delou (2001, p. 27) faz críticas a tal fato ao abordar:

[...] ao contrário do que se possa imaginar, alunos com altas habilidades/superdotação podem ser reconhecidas pelo alto desempenho escolar, mas não são incluídos nas práticas pedagógicas escolares de alto nível. Eles, também, não têm ‘acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artísticas, segundo as capacidades de cada um’, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Delou (2001) afirma que, é possível identificar o alto desempenho escolar dos alunos com AH/SD nas escolas comuns, mas os investimentos que poderiam conduzir o docente a uma prática pedagógica significativa no desenvolvimento das potencialidades destes educandos são escassos.

Deve-se conhecer que há uma variedade de denominações atribuídas às pessoas com altas habilidades/superdotação, tais como superdotados, precoces, prodígios, bem-dotados, mais capazes, dotados, talentosos, dentre outros. Diante do exposto, neste estudo ressalta-se a importância da identificação de alunos com AH/SD na educação infantil, assim utilizar-se-á, em alguns trechos, a denominação de alunos precoces. Faz-se saber que todo aluno com AH/SD já fora um aluno precoce como expõe Dal Forno (2011), a precocidade não é sinônimo de superdotação, mas é a base de estudos dessa relação para destacar o que se entende ser o início de um saber ao reconhecimento da superdotação.

As crianças precoces, do tipo acadêmicas, demonstram habilidades para a leitura e a escrita, consideradas acima da média se comparadas as outras crianças de sua idade cronológica. Com fins ao processo de escolarização desses educandos reflete-se sobre: como incluir alunos precoces quando a realidade educacional se apresenta com estruturas administrativas inadequadas para o seu atendimento educacional? Como proceder quando se depara com crianças que dominam e superam as habilidades e competências a serem trabalhadas nas etapas da educação infantil? Quais as propostas educacionais para atender crianças precoces em instituições escolares da educação infantil?

É preciso investimento na etapa inicial da educação básica, para que crianças precoces possam ser identificadas e valorizadas. Com essa identificação ocorrendo o mais cedo possível, se potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento delas, para que recebam uma educação próxima de seus interesses, e se tornem adultos eminentes por terem seus talentos estimulados e reconhecidos.

Nesse ínterim, e exacerbando sobre a atividade de ensino-aprendizagem para alunos precoces, consubstancia-se ao que o parecer CNE/CEB nº 17 esclarece ao pontuar que eles “devem receber desafios suplementares em classe comum, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelo sistema de ensino, inclusive para concluir, em menor tempo a série ou etapa escolar” (Brasil, 2001, p. 17). Este documento legal (Brasil, 2001, p. 18) direciona para a necessidade de ações específicas no atendimento destes alunos:

[...] organizar os procedimentos de avaliação pedagógica e psicológica de crianças com características de superdotação; prever a possibilidade de matrícula do aluno em série compatível com seu desempenho escolar, levando em conta, igualmente, sua maturidade sócio emocional; cumprir a legislação no que se refere ao atendimento suplementar para aprofundar e/ou enriquecer o currículo; à aceleração/avanço, regulamentados pelos respectivos sistemas de ensino, permitindo, inclusive, a conclusão da Educação Básica em menor tempo.

As ações elencadas direcionam o professor à tomada de decisões e a realização de procedimentos que amparem os alunos com AH/SD, quando se percebe que estão além das expectativas planejadas para o período ou ano letivo em que estudam. Caso contrário, e diante das práticas pedagógicas tradicionais, que destoam das áreas de interesses dos

alunos com AH/SD, as consequências sinalizam para que estes alunos sejam tolhidos em seus talentos e desanimados para a criatividade.

### **Letrar e alfabetizar o aluno precoce na educação infantil**

Tratar sobre a alfabetização de alunos com indicadores de altas habilidades/superdotação, especificamente os precoces, se torna um desafio, visto que, a maioria deles ao ingressarem no período de escolarização, já trazem consigo um acervo cultural aguçado diante dos demais alunos da classe. Esclarece-se com o exposto, o que se chamam alunos precoces, a terminologia utilizada para designar crianças que se encontram na faixa etária inferior a sete anos, e que segundo Virgolim (2007, p. 23), são aquelas que “apresentam alguma habilidade específica prematuramente desenvolvida em qualquer área do conhecimento, como na música, na matemática, nas artes, na linguagem, nos esportes ou na leitura”.

Além disso, quando os alunos precoces são matriculados na pré-escola, não são considerados como tendo as habilidades cognitivas potencialmente desenvolvidas para a apropriação dos conteúdos do currículo formal, sendo trabalhada apenas a socialização. Na verdade, o que se percebe é a existência de poucos investimentos na educação infantil, isto é, do maternal ao segundo período nos países de um modo geral, especificamente nos países em desenvolvimento.

A educação infantil é uma das etapas da educação básica que necessita de investimentos por parte do Estado, designadamente no que se refere à aprendizagem e ao desenvolvimento de crianças desta etapa da educação. O noticiário no jornal *Informe sobre o Estado da Educação Governamental para Crianças Superdotadas e Talentosas* descrito por Collangelo, Assouline e Gross (2004, p. 15) destaca que “muitos estados não têm políticas explícitas sobre admissão escolar precoce. A falta de orientações claras para as escolas é o primeiro problema enfrentado por uma criança de quatro anos que lê, que adora aprender e quer aprender mais” (tradução da autora).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “muchos estados no poseen políticas explícitas sobre el ingreso anticipado a la escuela. La falta de pautas claras para las escuelas es el primer problema que enfrenta un niño de cuatro años que lee, a quien le encanta aprender y quiere aprender más” (Collangelo, Assouline & Gross, 2004, p. 15).

Diante desta realidade, muitas crianças não são identificadas precocemente, deixando de receber o atendimento de que necessitam, o que contribui para que haja desperdício de talentos.

Para a identificação dos primeiros sinais de AH/SD, manifestados pela criança precoce, destaca-se a pesquisa de Anjos (2008, p. 23), por deferir que “já na infância, é que se podem observar diferenças comportamentais e cognitivas na criança, que dá sinais de curiosidade excessiva, com questionamentos constantes, aprendizagem mais rápida do que as outras crianças e fala elaborada.” Ancora-se ao entendimento de Virgolim (2007, p. 67), ao especificar que, os alunos com AH/SD demandam por “serviços educacionais diferenciados que possam promover seu desenvolvimento acadêmico, artístico, psicomotor e social, o que inclui métodos de ensino adaptados às suas necessidades especiais”, condição que os agrupa como alunos público-alvo da educação especial.

Relacionando a educação de precoces, no processo de alfabetização, resgata-se a análise de Soares (2003, p. 5), reiterando que “no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem e frequentemente se confundem”. Barafunda que não traz benefícios para o alunado que está no processo de aquisição das habilidades do ler, escrever, contar, pois, para alguns docentes “o processo de alfabetizar e letrar, embora interligados, são específicos”.

Soares (2003, p. 64), menciona a diferença entre alfabetizar e letrar, em que constata-se que a primeira “significa ensinar o código alfabético, enquanto que letrar é familiarizar o aprendiz como os diversos usos sociais da leitura e da escrita”. O letramento para alunos precoces, que ingressam na escola e têm o domínio da leitura, torna-se mais propício, pois terão contato com diferentes gêneros de textos, que aguçarão sua curiosidade e atenção.

O letramento, enquanto abordagem metodológica, instiga o aluno às habilidades de leitura, escrita e oralidades, e conduz o docente à “produção de uma didática amparada em diferentes portadores e gêneros textuais” (Trindade, 2010, p.18). As atividades práticas são potencializadoras das habilidades superiores dos educandos precoces, quando são prazerosas, motivadoras.

Aborda-se, neste relato, letramento como Soares (2003, p. 66), em que a aquisição da leitura pode ser evidenciada quando “alguém que se apropriou suficientemente da leitura e da escrita a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedade para dar conta, de suas atribuições sociais e profissionais”. A autora (2003) acrescenta que, na etapa de sensibilização a criança deve ser ajudada para compreender as exigências da variação da escrita, de acordo com o gênero de texto, do leitor potencial e dos objetivos do autor.

Soares (2003) acrescenta que o uso desses tipos de texto se faz necessário e que deve ser estendido ao longo do ensino fundamental, como metodologia de projetos e em atividades afins. Foi com base nos estudos dessa autora (2003, p. 69) que elencou-se como sugestões de atividades a realizar-se na alfabetização de alunos precoces, pelos professores, alguns gêneros textuais:

Narrativas (histórias de autoria conhecidas, ou não; contos de fadas; história de folclore; lendas; história de vida; casos da vida cotidiana); Listas (de compras, de coisas a fazer, de heróis favoritos, de personagens, de meninos e meninas, de brincadeiras, etc.); Poemas (para serem aprendidos de cor, para serem recitados ou lidos silenciosamente); Quadrinhos (para lerem e produzirem seus próprios quadrinhos); Bilhetes, cartas, e-mails, Convites (para festas escolares, exposições, reuniões de pais); Cartazes, textos de propaganda (para promover campanhas); Agendas e diários (textos de natureza íntima); Textos didáticos (de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências); Reportagens (sobre o que está ocorrendo na escola, no bairro, na cidade); Relatório de visitas ou de pesquisas; Documentos da vida cotidiana (cheques, requerimentos, certidões, formulários, etc.); Bulas (de remédios de uso comum); Normas e instruções (como montar um brinquedo, organizar um jogo, etc.).

Todas as sugestões de atividades devem ser trabalhadas de forma lúdica, adaptando-as, considerando a idade cronológica das crianças, mas tornando-as desafiadoras, com estímulo às capacidades e potencialidades latentes dos alunos precoces. Percebe-se que, essas atividades incorrem para o processo de alfabetização na perspectiva do letramento.

Apresentando exponencial de curiosidade e desejo por aprender, os alunos com indicadores de AH/SD, se estimulados precocemente, poderão ter suas potencialidades superiores afloradas. Isto se torna evidente na pesquisa de Lima (2010), quando esclarece que esses alunos realizam as atividades escolares com rapidez e se sentem entediados

diante das práticas tradicionais dos professores, passando a buscar na sala de aula outros afazeres que induzam à satisfação de suas áreas de interesses.

### **Metodologia**

Nesta seção discorre-se sobre os percursos metodológicos desenvolvidos para execução do estudo. Na realização desse relato de pesquisa, optou-se pela pesquisa qualitativa do tipo descritiva e reflexiva. A escolha por esse tipo de pesquisa alinha-se à compreensão de Martins (2006), ao especificar que por meio da pesquisa descritiva o assunto a ser pesquisado apresenta-se como condição satisfatória para que o pesquisador realize as atividades, a serem demandadas durante o percurso do estudo, pois sabe-se que a motivação e o envolvimento são especialmente relevantes na condução de uma pesquisa.

Acrescenta-se à relevância dessa pesquisa, a contribuição de Oliveira (2007, p.67) de que “a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”, evidenciando-se a descrição crítico-reflexiva e não a mera reprodução dos fatos. Opção que direcionou o desenvolvimento desse estudo com o intuito de ampliar e divulgar os conhecimentos sobre a temática trabalhada e divulgá-lo junto da comunidade social e educacional.

Enquanto professora formadora no Plano Nacional de Formação de Professores de Educação Básica (PARFOR), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), município de Pedro II-PI, com a disciplina Fundamentos da Educação Especial, com graduandos de Pedagogia, no ano de 2019, depara-se com uma intervenção dos alunos que impulsionou a escrita desse estudo, passando-se a descrevê-la tendo por base metodológica a pesquisa descritiva, endossada de reflexão e criticidade. Neste contexto de formação, em colaboração com os alunos do curso, organizava-se a metodologia de ensino para culminância da disciplina ministrada: mesa redonda. Como alicerça Dutra e Oliveira (2016), a mesa redonda, como estratégia de ensino, cria um espaço educativo onde o aluno tem a oportunidade de vivenciar, pensar, dialogar e se expressar criticamente.

A metodologia de ensino tinha os alunos como protagonistas, divididos em grupos, para apresentação de abordagens teóricas e metodológicas sobre a alfabetização

de alunos público-alvo da educação especial (PAEE), incluídos em sala de aula regular. Para o planejamento dessa atividade acadêmica os alunos trouxeram para sala de aula, como suporte teórico e metodológico o livro intitulado Caderno de Educação Especial: A alfabetização de crianças com deficiências: uma proposta inclusiva (Brasil, 2012), que compunha a coletânea de livros elaborada pelo MEC para o Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa. O livro<sup>3</sup> tem como finalidade “potencializar as possibilidades de ensino de orientar a utilização de jogos e brincadeiras em contextos inclusivos de alfabetização” (Brasil, 2012, p. 5).

Apropriando-se das teorias do livro, surgiram inquietações em torno dos conteúdos ali contemplados, pois os acadêmicos perceberam que não havia discussões que norteassem conhecimentos teóricos e práticos sobre alunos com AH/SD, autista e deficiência múltipla. E, ao longo da disciplina já se tinha trabalhado os fundamentos da educação de alunos PAEE, isto é, os alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (Brasil, 2008).

As inquietações dos acadêmicos foram comprovadas na introdução do livro, em uma nota de rodapé, em que havia informação de que não se faria referência a esses alunos [altas habilidades/superdotação, autistas e deficiências múltiplas], mas que “o professor pode transferir atividades pedagógicas para situações didáticas que insiram alunos com essas deficiências, principalmente para alunos com autismo e deficiência múltipla” (Brasil, 2012, p. 5). Ficando de fora das discussões os alunos com altas habilidades/superdotação.

A atividade de mesa redonda foi iniciada pelos acadêmicos, em grupos, que comentaram e analisaram sobre a alfabetização de alunos com deficiências, tendo por fio condutor as temáticas do livro de educação especial (Brasil, 2012)<sup>4</sup>. As discussões foram geradas em torno dos alunos com deficiências (motora, intelectual, visual e surdez) e adaptadas para os alunos autistas e com deficiências múltiplas, pois tiveram o livro para subsidiá-los.

---

<sup>3</sup> A partir desta frase utiliza-se a palavra livro em substituição a caderno.

<sup>4</sup> O livro pode ser visualizado no link:

<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/material/109.pdf>

Na sequência das apresentações dos discentes, com a finalidade de complementar as discussões acerca dos alunos PAEE, a professora da disciplina, e autora deste relato de pesquisa, apresentou inicialmente teorias sobre a alfabetização de alunos com AH/SD, com foco em alunos precoces. E, com a finalidade de relacionar a teoria exposta com a prática realizada com alunos precoces em sala de aula, exemplificou narrando trechos de seu trabalho de Mestrado realizado nos anos de 2008 a 2010.

Nessa proposição, foram expostos conhecimentos sobre alunos com AH/SD e o processo de alfabetização deles, como se pôde evidenciar na seção 2 deste texto. Acrescenta-se ao exposto, que do ponto de vista do processo de alfabetização de alunos precoces, na educação infantil, ressalta-se que nesta fase, o uso de diferentes tipos de textos, sobretudo os mais usados na vida social, contribuem para o ensino-aprendizagem e avolumam suas potencialidades.

Conduzindo às discussões sobre o método do letramento e alinhando-se ao estudo sobre alunos precoces, retratou-se a pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida por Lima (2010), pois nesta há estudos de casos de alunos precoces<sup>5</sup>. Passou-se, então, no discurso à mesa redonda, reportar-se ao caso de William<sup>6</sup>, de 3 anos e 6 meses, que estudava na educação infantil, especificamente no segundo período, em uma escola do Centro Municipal de Educação infantil, em Teresina-PI. A intencionalidade de retomar esse caso da pesquisa de Lima (2010), objetivava afetar os alunos do curso de Pedagogia do PARFOR para que pudessem analisá-lo, assim como concluíssem sobre as atitudes da família e das duas professoras, quando identificassem um aluno precoce em sala de aula.

William foi criado desde recém-nascido por duas tias, pois fora abandonado pela mãe, e o pai, irmão delas, não quis assumi-lo. As tias de William narraram, em entrevista à pesquisadora, a frustração que William passou no ano de 2009, enquanto estudante do maternal, início do seu processo de escolarização, ao expressarem:

Aos dois anos e meio de idade William ingressou na escola e já dominava as habilidades de leitura. Por este fato, estava sempre questionando o que via e ouvia, lia todas as palavras, frases e pequenos textos que estavam afixados nas paredes da sala de aula e

---

<sup>5</sup> Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, CAEE 0166.0.045.000-09 (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética).

<sup>6</sup> Nome fictício para zelar pela identidade da pessoa.

demonstrava curiosidade por assuntos que despertava-lhe interesse e que estavam além do contexto da aula (Excerto da entrevista realizada por Lima, 2010).

Relatou-se aos acadêmicos, após leitura deste caso, que as descrições feitas pelas tias de William, acerca da capacidade cognitiva da criança, para as habilidades de leitura, alinhavam-se às características apresentadas por Bates e Munday (2007, p. 19) sobre a identificação de alunos com AH/SD, a saber, “[...], vocabulário amplo e excelente habilidade de leitura; arraigada curiosidade e atitude questionadora; habilidade de manter a concentração, particularmente quando o assunto é de seu real interesse”. Com essas características, William podia considerar-se com indicadores de AH/SD, mas por conta de sua idade, encontrava-se no grupo de alunos precoces. No entanto, a precocidade deve ser estimulada, potencializada para vir a tornar-se superdotação.

As tias acrescentaram que William esteve incompreendido por todo o primeiro semestre letivo do ano de 2009, até elas começarem a perceber o desinteresse da criança para ir à escola, que inventava diferentes desculpas para não ir. Resolveram, então, ir à escola, para conversarem com a equipe gestora e ficaram sabendo o que estava acontecendo com William, em sala de aula. Elas foram conversar com a professora do maternal, de William, e diante do que perceberam foram pedir ajuda na secretaria municipal de educação (SEMEC). Lembraram que ouviram no discurso da professora do maternal que:

Ele [William] atrapalhava a aula, pois estava bem à frente dos colegas quanto ao aprendizado específico para alunos do maternal, que tinha que seguir o que estava no planejamento que levava para classe. Neste planejamento, as atividades eram realizadas para iniciar os alunos ao desenvolvimento da coordenação motora e apresentação das letras das vogais, uma para cada bimestre (Excerto da entrevista realizada por Lima, Lima, 2010).

Continuando com as narrativas das tias, registrou-se que:

William por sofrer represálias, como castigos e ter que ficar de frente para uma parede e de costa para os colegas, para não ver o que estava acontecendo na sala de aula e assim não poder se manifestar, lendo ou citando exemplos de nomes e palavras com as letras estudadas, preferia ficar nos corredores, nas portas das outras salas de aulas, mais avançadas, onde tinha oportunidade de ficar lendo os diferentes gêneros textuais apresentados pelos professores dessas salas. Até que começou a manifestar

comportamentos, ainda não vistos por elas, de choro, agressividades, dores em todo o corpo para não ir à escola (Excerto da entrevista realizada por Lima, 2010).

Analisando essas duas narrativas das tias de William, constatou-se que, a professora do maternal apresentava total desconhecimento sobre alunos precoces. Isto pode ter ocorrido pela falta de formação inicial e contínua que a conduziu para conhecimentos teóricos e práticos sobre esses educandos. Constatação encontrada nas palavras de Vieira (2003), de que sem a preparação do professor o prejuízo será do aluno, pois, a falta de formação docente é uma das principais barreiras no processo de inclusão destes alunos, em que lhes serão negadas oportunidades de aprofundar seus interesses acadêmicos ou artísticos.

No entanto, antes dos representantes da SEMEC fazerem as intervenções no caso de William, os familiares narraram uma experiência que minimizou os anseios de William e que o fez sentir-se motivado para ir à escola:

Souberam que a professora do 2º período, que via o aluno sempre na porta de sua sala de aula, conversou com a equipe gestora da escola e pediu que ele ficasse, como ouvinte por conta da idade, na sua classe, em que aceitaram prontamente. Essa professora se propunha a planejar atividades educativas que instigassem os alunos a participação da aula, realizava jogos criativos, e pela habilidade de leitura apresentada por William e rapidez em terminar as atividades propostas em sala de aula, deixava-o ser o monitor da turma ajudando os colegas nos exercícios. Criou espaços de leitura em que William lia as estorinhas, interpelado por ela perante a entonação e pontuação (Excerto da entrevista realizada por Lima, 2010).

Uma das análises a destacar, que colaborará como o entendimento sobre o processo de alfabetização de alunos precoces, por meio do letramento, pode ser evidenciada nas atividades que a professora do segundo período desenvolvia. Lima (2010), declara que é exemplar a condução das atividades educativas dessa professora, perante um aluno precoce incluído na escola regular, pois mesmo sem conhecer as características desse aluno para a habilidade da leitura e da escrita, pôde auxiliar William nas suas áreas de interesses, motivando-o para o desejo de continuar seu processo de escolarização.

Ainda fazendo parte do caso de William, apresentaram-se trechos narrados pela professora do segundo período, que também foi partícipe da pesquisa de Mestrado em Educação. Ao falar de William a professora exaltou:

A atenção do William é impressionante, ele presta atenção a tudo. Não pense que você vai estar lá na sala e vai passar despercebida por ele, que não vai. Outro dia escrevi a palavra setembro e deixei sem o m porque eu sabia que ele ia me questionar. Então ele levantou foi lá onde eu estava, bateu no meu braço e disse: - Tia tu não colocou o m de setembro. Eu olhei pra ele e disse assim: - Tem o m William? Ele disse: - Tem sim, depois do 'te' e antes do 'bro'. Até a localização na palavra ele me deu, me disse onde eu colocaria o m. Eu disse: - pois muito bem William, obrigada, é assim que a tia quer menino que presta atenção aos erros da tia, porque a tia tá aqui para aprender, não é pra ensinar não, ela ensina, mas ela aprende também. Aí ele disse: - E eu sei ensinar.” (Excerto da entrevista realizada por Lima, 2010).

Percebia-se que, essa professora optara pelo uso do método do letramento na condução do ensino-aprendizagem de seus alunos, para que o processo de alfabetização se efetivasse, tornando-o, menos técnico e mais próximo da realidade cultural da sociedade em que estavam inseridos (Wittke, 2012).

Com as estratégias de ensino aplicadas pela professora, há evidências de que se exaltam as potencialidades do educando. E pode-se interpretar, com o exemplo narrado, que William tem contato com diferentes gêneros textuais, o que torna seu vocabulário linguístico capaz de identificar falhas nas palavras escritas pela professora, pois lhes são comuns quanto ao uso, em casa, na escola ou no lazer.

A professora demonstrou cumprir o papel social da escola, de dar condições para que os alunos possam participar de maneira crítica e participativa dos assuntos da sociedade, bem como transformá-la, com criatividade, para usufruir dos benefícios e contribuir com as gerações futuras.

## **Resultados**

O exercício da docência, especificamente para a formação de professores da educação básica é cheio de encantamentos, e de desencantamentos, a serem desvendados a cada aula, a cada interação com os alunos. Isto pode ocorrer quando se relacionam teoria e prática com as vivências daqueles que estão em formação, pois nem sempre as

realidades em que se vive são favoráveis e têm proximidades com as teorias apropriadas. Contudo, não se pode negar que, alijar-se do conhecimento delas, em nada ajudará ao professor ou futuro professor a driblar as adversidades que poderão encontrar na sua profissionalização.

Encara-se a experiência que se desvelou neste estudo, como um encantamento pois originou-se das necessidades formativas dos professores em formação, para o exercício da docência na educação básica com a educação inclusiva. Com a elaboração e a execução da mesa redonda, a estratégia de ensino planejada, surgiram diferentes inquietações e estas, possibilitaram a (re)construção de conhecimentos emendando-se dois gêneros textuais (livro e dissertação), para assim se consolidar aos anseios surgidos pelos professores em formação.

Não se pode deixar de mencionar a capacidade de argumentação e de criticidade dos acadêmicos que evidenciaram no livro de educação especial, fonte teórica das discussões, lacuna nos conteúdos: a falta de textos sobre alunos com AH/SD e ansiaram por tal conhecimento. Tinham convicção, de que diante da educação inclusiva, vigente no cenário educacional, essa expropriação os prejudicaria no exercício da docência, caso encontrassem esse grupo especial de educandos em sala de aula.

A inquietação demonstrada na experiência relatada gerou redirecionamento do que se havia planejado. Mas, assinala-se que se tornou pontual, no sentido de se confirmar que os investimentos para a educação de alunos PAEE estão em segundo plano e, abordando os com altas habilidades/superdotação exacerba-se esse descaso.

Pode-se constar como oportuno a apresentação dos recortes da pesquisa de Mestrado em Educação de Lima (2010), por tirá-la dos arquivos e torná-la notória aos professores da educação básica. Por ter a compreensão, ao ouvir os professores, de que a teoria apropriada poderá servir de base para a sua atuação profissional, que terão condições de identificar se um aluno apresenta ou não características de AH/SD.

Destaca-se outra contribuição a mencionar nessa formação de professores, o fato de que ao longo da exposição da pesquisa foi possível fazer com que os professores imergissem no campo da pesquisa, descobrindo os caminhos percorridos pela pesquisadora ao trocarem ideias, experiências, vivências, com interlocuções sobre a

AH/SD, ou seja, os graduandos não pouparam perguntas sobre a pesquisa, relacionando-a com a sociedade real e com uma possível sociedade ideal. Acrescenta-se que, ao explicar o trabalho de Lima (2010) para relacionar acerca da alfabetização de alunos precoces, percebeu-se que os professores em formação sentiram-se provocados para transformação do seu pensar, sentir e agir diante do seu processo formativo e de suas futuras práticas docentes, no sentido de realização de práticas que viabilizem a inclusão escolar de alunos precoces.

### **Considerações finais**

Incluir alunos da educação especial na escola regular não se trata de novidade para o cenário educacional atual. As reflexões giram em torno de como incluí-los, quais estratégias se deve usar para o ensino-aprendizagem deles, ou mesmo como e quando adaptar recursos para esses alunos.

É notório que a escola nos dias atuais é chamada a incluir uma diversidade de alunos, e nesta condição não é aceitável a recusa por parte dos sistemas de ensino dos alunos PAEE, isto é, daqueles com deficiências transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas instituições de educação básica e superior. Cabe ressaltar que, a educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa os diferentes níveis e modalidades de ensino e, neste ínterim, destaca-se a seguinte reflexão: o professor que ainda não teve em sala de aula alunos PAEE, necessita estar ciente de que breve o terá, pois, a inclusão educacional é um direito, sem retrocesso.

Entenda-se, na exposição descrita, que todo aluno com altas habilidades/superdotação já fora um aluno precoce, mas que nem todo aluno precoce se tornará um aluno com AH/SD. Fato que impera a necessidade de se identificar esses alunos na educação infantil, para que tenham suas habilidades superiores instigadas e possam tornar-se adultos criativos, produtivos e justos. E que se reconheçam como pessoas com altas habilidades/superdotação e possam, aos pares, transformar a sociedade para melhorar a vida coletiva.

Ao apropriarem-se dos aportes teóricos em tela, o corpo docente e demais profissionais da educação que tiverem alunos PAEE, especialmente os alunos precoces,

em sala de aula possam identificá-los e criar estratégias desafiadoras que os estimulem nas suas habilidades superiores. Nesta ação, possam motivá-los, estimulando-os nas suas áreas de interesse, contribuindo para que esse grupo especial saia da invisibilidade.

Considera-se que, este estudo, servirá como suporte educacional que suplementará, teoricamente, a área da educação especial e inclusiva e os exemplos práticos nortearão a atividade docente para a educação inclusiva, sobretudo com alunos precoces.

Conclui-se, que não foi propósito desse texto esgotar conhecimentos sobre a temática de alunos PAEE, mas que as proposições ora apresentadas possam servir de ponto de partida para instigar os profissionais que trabalham com esse público, ou pesquisadores que se interessam pela modalidade da educação especial à escrita de novas pesquisas. Ao intensificarem-se os aportes teóricos da educação de alunos PAEE compreende-se que, se tornam notórias as contribuições para a inclusão deles, pois as experiências educacionais desenvolvidas com esse público ao serem materializadas subsidiam a prática profissional docente. Experiências educacionais que deixarão de ser possibilidades para se tornarem realidades.

### Referências

- Anjos, M. V dos. (2008). *Inteligentes e algo mais*. Psique Ciência & Vida. São Paulo. Escala. ano III, n. 28.
- Bates, J., & Munday, S. (2007). *Trabalhando com alunos superdotados, corajosos e com altas habilidades*. São Paulo: Galpão.
- Brasil. (2008). *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Brasília: MEC; SEESP, 2001. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>.
- Brasil. (2012). *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas*. Brasília, DF: MEC; INEP. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf>.
- Brasil. (2008). *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Brasília: MEC; SEESP, 2001. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>.
- Brasil. (2018). *Lei nº 13.234, de 29 de dezembro de 2015*. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/L13234.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13234.htm).

- Carvalho, R. E. (2004). *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. Porto Alegre: Mediação.
- Colangelo, N., Assouline, S. G., & Gross, M. U. M. (2008). *Una nación engañada: de que forma las escuelas reprimen a los Estudiantes más brillantes de los Estados Unidos*. Volumen 1. [www.1-800- translate. com.](http://www.1-800-translate.com) ou [www.national.com](http://www.national.com).
- Dal Forno, L. F. (2011). *Precocidade na educação infantil: E agora professora?* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria]. <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6965>
- Delou, C. M. C. (2009). *Políticas Públicas para a Educação de Superdotados no Brasil* <http://www.aspat.kit.net/politicaspUBLICAScdelou.pdf>.
- Dutra, V., & Oliveira, Erika. (2020). *Mesa redonda como estratégia de ensino-aprendizagem da contabilidade ambiental*. 68ª Anual da SBPC. [http://www.sbpnet.org.br/livro/68ra/resumos/resumos/2902\\_13f0ab3ec783ead92597b8a2ca95ff39b.pdf](http://www.sbpnet.org.br/livro/68ra/resumos/resumos/2902_13f0ab3ec783ead92597b8a2ca95ff39b.pdf).
- Freitas, S. N. (2008). *Tendências contemporâneas de inclusão*. Santa Maria: UFSM.
- Imbernón, F. (2010). *Formação Continuada de Professores*. Porto Alegre: Artmed.
- Mantoan, M. T. E. (2006). *Inclusão escolar - Caminhos e descaminhos, desafios, perspectivas. Ensaios Pedagógicos*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Lima, M. R. e S. (2010). *Inclusão escolar de alunos com altas habilidades/superdotação em escolas públicas de Teresina-PI*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí]. [https://ufpi.br/arquivos\\_download/arquivos/ppged/arquivos/files/dissertacao/2010/Marcia\\_Raika.pdf](https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/ppged/arquivos/files/dissertacao/2010/Marcia_Raika.pdf)
- Lima, M. R. e S. (2016). *Meu mundo caiu! As significações de uma professora de ensino médio acerca da atividade de ensino aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Piauí]. [https://ufpi.br/arquivos\\_download/arquivos/10\\_Tese\\_Raika\\_para\\_entrega20190705104601.pdf](https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/10_Tese_Raika_para_entrega20190705104601.pdf)
- Martins, G. de A. (2006). *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Oliveira, M. M. (2007). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rangi, R. de A. (2016). Apresentação. In: Costa, M da P. R da. (org.). *Altas habilidades/superdotação: Pesquisa e experiência para educadores*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Rangi, R. de A., & Costa, M da P. R. (2016). Altas habilidades na educação superior. In: Costa, M da P. R da. (org.). *Altas habilidades/superdotação: Pesquisa e experiência para educadores*. Rio de Janeiro: Wak Editora.

- Renzulli, J. S. (2004). O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. *Revista educação*, Ano XXVII, n. 1, jan/abr. p.75-131.  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/375>
- Rodrigues, D. (2006). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus.
- Soares, M. B. (2003). Letramento e escolarização. In: Ribeiro, Vera Masagão (Org.) *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global.
- Trindade, I. F. (2010). Não há como alfabetizar sem modelo. In: Zen, M. I. H. D; Xavier, M. L. M. *Alfabetizar: Fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Mediação.
- Vieira, N. J. W. (2003). A escola e a inclusão dos alunos portadores de altas habilidades. *Cadernos de Educação Especial*, n. 21. p. 7-22.  
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5026>
- Virgolim, Â. M. R. (2007). *Altas habilidades/superdotação: Encorajando potências*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Wittke, C. I. (2012). O papel do texto na aula de língua sob uma perspectiva interacionista. *Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa*. v. 6, n. 11, p. 103-126. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-7686.v6i11p103-126>

Recebido: 31/10/2022

Aceito: 22/01/2023

Publicado: 30/06/2024

NOTA:

A autora foi responsável pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.